

# A DIPLOMACIA DA TRUCULÊNCIA

Hoje, ao abrir meu jornal Zero Hora e ler a página de opinião, fiquei completamente estupefacto. Li o artigo intitulado “Pela “desargentinizacão” do Rio Grande do Sul”. Não havia terminado de ler a primeira coluna e fui conferir, com relação ao nome do articulista, o seu crédito. Fiquei chocadíssimo. Constatei que era mesmo o Secretário Estadual da Fazenda o autor de críticas tão ácidas aos nossos irmãos argentinos e a sua pátria.

Meu interesse, com relação aos nossos “hermanos” é atávico, telúrico como de todo o gaúcho. É como se fosse um arquétipo cultural soando numa milonga no conagraamento de uma missa crioula. A pátria-mãe dos gaúchos, não se resume somente ao território rio-grandense. Ela se estende pelas planuras do pampa e vai daqui, de horizonte vencendo horizonte, para oeste, o sul, a noroeste, englobando paraguaios, argentinos e uruguaios. Nós gaúchos temos a mesma indumentária, os mesmos costumes, os aperos, o cavalo, o causo e o mate aquecidos ao fogo de chão, enfim um sincretismo cultural. Este vínculo de fraternidade une e cria laços profundos que se reproduzem na estrada da esperança fecunda que hoje se retrata no Mercosul. A América Latina, este “arquipélago de islas”, como diz Galeano, tem futuro. Seu porvir tem o traçado promissor do sonho dos avoengos cristalizado na luta pela “Pátria Grande”.

Estou na luta pela integração Latino-americana, desde os idos de 1993, quando meu saudoso Diretor na Faculdade de Direito da PUC/RS, o Dr. Carlos Allgayer, me atribuiu o cometimento de fazer uma conferência sobre Mercosul perante a Sociedade Brasileira de Progresso para a Ciência, que se realizava naquela Universidade no mesmo ano. De lá, para cá, não parei de escrever e fazer conferências que se estenderam desde Nonoai, nas margens do rio Uruguai até Buenos Aires, passando por quase todas as cidades em ambas as margens deste rio, do Rio Grande, a Argentina e ao Uruguai. Em 10.12.1997, por este trabalho de integrador, a Assembléia do Estado do Rio Grande do Sul, outorgou-me um diploma de “Colaborador Emérito no trabalho de integração do Mercosul.” Em 2002 este trabalho foi coroado com o lançamento do livro intitulado “A Luta pela União Latino-Americana”.

Assim é que estou chocado com a acidez da crítica feita ao povo argentino e a sua pátria. Considerando a origem da crítica, provinda de uma autoridade de estado, seus termos ficam ainda mais exacerbados e acres. Assim, como não posso pedir desculpas em nome de quem por delegação nos representa, sugiro que uma desculpa pública seria bem recebida. Se isto não for feito creio que se estará institucionalizando uma diplomacia própria a quem o vulgo, por falta de expressão cognomina de “a do elefante na vitrine ou cristaleira”. Destroem-se, assim, milhões de ações para a construção do Mercosul através de um artigo que tem uma conclusão correta com relação ao nosso estado, mas que lamentavelmente, parte de uma premissa maior equivocada ou no mínimo polêmica quando se refere à Argentina.

PROF. SÉRGIO BORJA      PROFESSOR DE DIREITO NAS FACULDADES DE DIREITO DA PUC/RS E DA UFRGS.